

Algumas observações sobre a questão da sublimação feminina

Carla Beatriz de Souza¹
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Alguns questionamentos são feitos, em relação à forma como o trabalho doméstico executado pelas mulheres pode ser entendido, dentro do campo da sublimação. Discute-se também a necessidade de reavaliação, atualização e ampliação do conceito psicanalítico de sublimação.

Palavras-chave: Sublimação feminina, trabalho feminino, trabalho doméstico.

Abstract

Some observations about feminine sublimation issue

This paper discusses some questions about how domestic work made by women can be understood inside of sublimation field. Psychoanalytic concept of sublimation needs to be reviewed, extended and considered in according with today society.

Key words: Female sublimation, feminine sublimation, domestic work, female work, feminine work.

Que espécies de sensações são produzidas em uma platéia eminentemente feminina que ouve de um conferencista – homem – a afirmação de que “as mulheres podem ter, na execução de suas tarefas domésticas, uma vivência sublimatória”? (Checchinato, 1992). Basicamente, poderia dizer, uma vez que também fazia parte da referida platéia, que as mais predominantes foram de desconforto, mal-estar e irritação. Seria o caso de se afirmar, com isso, uma certa tendência masculina em incorporar à sublimação feminina as atividades ligadas, social e historicamente, ao “mundo da mulher”, decorrendo daí a imediata reação feminina?

Tal questionamento submete-se a dois graves riscos. Um, mais genérico, é histórico-social. Outro, psicológico, é de ordem teórico-conceitual. No primeiro, arrisca-se ao retrocesso em relação às atividades e às idéias sobre a emanci-

pação da mulher. Pois, não abririam mão desse trunfo aqueles que, por poderes e por desmandos, costumam interpor-se a esse movimento, seja no âmbito individual, seja no da coletividade. Quanto ao segundo, mais específico do pensamento psicanalítico, poderia facilitar a perpetuação do axioma, proposto por Lacan, mas antes já delimitado por Freud, de que não existe uma inscrição do feminino no inconsciente – “A mulher não existe”. Ou seja, se é verdade que se deve também à contribuição das mulheres, em seu silêncio e confinamento doméstico, a impossibilidade de que ela possa ser vista socialmente só como mãe, admitir parte de suas funções como sublimatórias também faria parte desta contribuição (negativa) para a sua estagnação simbólica. Isso porque haveria o risco de se recair no logro histórico, associando-se a mulher às atividades que, tradicionalmente, já servem para discriminá-la. Tarefas domésticas como cozinhar ou lavar não são, necessariamente, tarefas femininas, e, em princípio, não há razão para que sejam desvalorizadas. Mas não

1. Pesquisadora junto ao CNPq no Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Endereço para correspondência: Rua São Pedro, 54, apto. 71, Cambuí, CEP 13025-350, Campinas, SP.

podemos ignorar o lugar que têm ocupado, socialmente, em nossa tradição ocidental.

Lembrando o Freud de 1932, que reconhece a técnica de trançar e tecer como uma atividade feminina que teria duplamente contribuído para a civilização: concretamente, fazendo cobrir os corpos; simbolicamente, imitando os fios que encobrem, na púbis, a marca da castração. Ainda dizendo: “Também consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos do que os homens” (Freud, 1932, p.164). Contudo, é também neste texto que Freud confessa a limitação da sua compreensão acerca do assunto, e deixa ao futuro “informações mais profundas e mais coerentes” (Freud, 1932, p. 165).

Obviamente, poderíamos interrogar sobre o quanto este limite de compreensão não estaria também associado a conceituações machistas ou preconceituosas. Não se pode eliminar, mesmo de Freud, sua condição de homem, sua época e o fato de que pôde dedicar-se, completamente, aos estudos, em parte por haver tido uma mulher que se encarregaria de todo o resto. Contudo, não prosseguirei neste raciocínio, no momento, pois ele extrapolaria os propósitos deste artigo.

Sendo assim, arisquemos. Mas antes de prosseguir, é preciso estabelecer o critério para a utilização dos termos homem – mulher e masculino – feminino. De forma a não aprofundar os conceitos a que estes termos se ligam, reduzo-os para fim deste estudo, à sua utilização mais convencional. Homem — mulher, para referências genéricas, como o indicativo da espécie, em que é suficiente a determinação sexual; e masculino – feminino, para as situações em que se deseja a categoria sexual acrescida dos papéis identificatórios decorrentes das contingências históricas, sociais e culturais.

O tipo de reflexão que ora proponho gira em torno da idéia que, ao ser apresentada no já referido seminário, tanto desprazer ocasionou à maioria das ouvintes. A primeira idéia que, na ocasião, ocorreu-me, associa-a ao desgaste de expressões como “mundo feminino ou da mulher”, “atividades domésticas ou do lar”, e outras. De modo que, ouvi-las apenas, já acarreta uma tal insatisfação que dificulta as ações seletivas do pensamento, ainda que pudesse identificar algumas, por certo, mais agradáveis que outras.

Conheci, por ocasião do início dos meus estudos universitários, uma mulher que me contou ter resolvido estudar porque sentia-se extremamente humilhada sempre que precisava designar sua profissão em qualquer formulário ou pensava em seus filhos dizendo: “Minha mãe é do lar”. Obviamente que bastantes mais motivos, encobertos ou não, estariam associados ao tipo de gana com que esta mulher saltou do nível primário, aos 30 anos, para o primeiro lugar no vestibular de uma universidade pública brasileira de difícil acesso, nela permanecendo até graduar-se em Filosofia, tendo como nível secundário, o método supletivo. Mas ressalto este motivo, por ela denunciado, por ser o que mais claramente lhe era percebido, e, principalmente, por contrapor-se, de modo absolutamente inenarrável, ao prazer com que costurava as roupinhas dos filhos e cozinhava.

Estou, com este exemplo, reafirmando que parece haver um deslocamento entre as expressões que designam as atividades e estas propriamente ditas. Muitas vezes, o peso social das primeiras impede de se pensar concretamente as segundas. Portanto, proponho aqui, tentar pensar mais objetivamente as atividades ditas femininas, num esforço de dissociação dos seus equivalentes lingüísticos correntes, se é que isso é possível, procurando articulá-las ao conceito de sublimação.

Sobre este conceito, Laplanche & Pontalis (1983, p. 638) esclarecem que se trata do processo pelo qual se explicam as atividades humanas que encontram o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual, ainda que sem aparente relação com a sexualidade. Tais atividades estariam representadas, especialmente, pelas artes e pela ciência, e estariam submetidas à valoração social. Caracterizando-se como “mais refinadas e mais altas”, Freud (1930, p. 98-99) restringe tais atividades a poucas pessoas, pois dependeriam de “dotes e disposições especiais que, para qualquer fim prático, estão longe de serem comuns”.

A precariedade com que são delimitadas as atividades ditas sublimatórias, bem como o seu alcance, coloca-nos diante de alguns questionamentos que não foram abordados por Freud. Alguns deles: mesmo se tratando do mais evoluído dos mecanismos de defesa, o de sublimação não deixa de pertencer a essa categoria. Equivalendo-se neste aspecto aos demais, não há garantia de sucesso para o deslocamento libidinal. Caso haja, serão raros aqueles que, artistas e cientistas, não apresentem a marca do sofrimento advindo de uma neurose, de uma perversão... Por outro lado, mesmo carecendo de observações mais aprofundadas, quem não tem notícias de pessoas razoavelmente realizadas quando no desempenho de tarefas comuns?

Há que se pensar, entretanto, que a questão poderia estar ligada a algum tipo de compromisso que se interporia entre a ação e o seu resultado. O que torna a arrumação de uma casa, a elaboração de uma refeição ou uma costura doméstica, atividades isentas de criatividade e satisfação? Sua cotidianidade? Seu lugar histórico? Seu papel social? Se isto não puder ser alterado, como poderemos repensar ou reformular qualquer ponto a esse respeito, mínimo que seja? Acredito que os condiciona-

mentos culturais desvirtuam, mas ainda assim, não matam os princípios. Onde estaria o contraponto entre uma rendeira nordestina, uma tapeceira árabe e uma “artista” européia que tem seus tapetes expostos e disponíveis a altas quantias?

De pronto pode-se retorquir que a questão estaria no conhecimento e no reconhecimento do que seja arte. Daí se testaria sua universalidade e outros critérios. Poderia partir-se para os testes estéticos também.

O que vejo por trás disso – e isto é o que vejo como o aspecto mais predominante – é o ditame econômico e sua impiedosa prática classificatória: 1, 2, 3, 4 ... mundos. Questões muito intrínsecas para as quais minha competência é nenhuma para que enverede por aí.

Há, porém, uma questão primeira, anterior a todos esses outros fatores, para a qual essas reflexões estão exatamente voltadas: Será de qualidade diferente o prazer genuíno apresentado por mulheres tão distantes entre si, quando executam suas atividades? Muito difícil avaliar, muito perigoso julgar, mas podemos nos consultar intimamente, em nossas particulares realizações: De que depende a sensação de bem-estar ou não, no absoluto momento da execução de uma tarefa? É preciso lembrar, caso o primeiro impulso seja o de associá-lo à finalidade pública, que, muitos dos que se pensaram artistas ou estudiosos não lograram tal *status*, jamais. Ou seja, o reconhecimento público, social é uma consequência. E, portanto, não está presente no instante em que se cria o que quer que seja. O que seria, propriamente, o fenômeno sublimatório – a concepção ou o seu destino? O conceito freudiano nos faz pensar que é o alvo “socialmente valorizados” a expressão que domina na definição de sublimação. Por outro lado, o que garante que as atividades artísticas e intelectuais, uma vez condicionadas a compromissos externos, não pos-

sam recair também em esquemas repetitivos, normativos e, ao longo do tempo, também pouco criativos?

Recoloquemos a questão, agora, de outro modo: qualquer que seja a atividade, uma vez associada à categoria *trabalho*, perde-se o acesso ao campo da sublimação? Como diz Marcuse (s.d., p.191), apenas “como *hobby*, passatempo, divertimento, brinquedo ou uma situação diretamente erótica”, uma atividade pode ser sublimatória?

Daí, por conseguinte, a categoria na qual se encontra “trabalho doméstico feminino” seria a mesma na qual se enquadraria qualquer atividade representativa de trabalho, ou seja, de toda a atividade ligada à subsistência, e, por isso mesmo, submetida a controles e, fundamentalmente, repetitiva. Mesmo assim, não raras vezes, costumamos dizer que uma “comida é artística”, que um trabalho gráfico está primoroso, que a arrumação da casa tem um “quê” diferente etc... Ironias eufemísticas? Condicionamento por reforço positivo?

Não creio, pois há outros métodos mais eficazes, menos sutis. Quanto a isso, Marcuse (s.d., p.195) fala algo que é preciso ressaltar: “a liberdade humana não é apenas uma questão particular – mas não é coisa alguma se não for também uma questão particular”.

Seja qual for o contexto em que se execute uma atividade, haverá grandes diferenças quanto ao modo com que cada indivíduo a toma. E, assim como um trabalho bancário, institucional ou comercial pode ser realizado com criatividade ou alienação, também o que é realizado em casa poderá ser representativo destes dois estados da mente. Há uma nota em “Mal-Estar na Civilização”, em que Freud (1930, p.99) refere-se à atividade profissional como sendo “fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações

existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados”.

“A sublimação não é o caminho da felicidade”, diz Kehl (1987, p.483), “ela criou a cultura, mas, por outro lado, a cultura não passa de um subproduto da infelicidade humana”.

Ora, não se quer dizer que todas as mulheres devam tirar satisfações de suas tarefas domésticas, assim como não o podemos dizer, em totalidade para nenhum tipo de atividade, masculina inclusive.

Um outro ponto, ainda: O que estarão querendo dizer aquelas mulheres, que todos conhecemos, que parecem vangloriar-se quando afirmam não saber “sequer fritar um ovo” ou “fazer um café”? Algumas vezes, e isto me parece profundamente triste, não as vejo, por outro lado, felizes em qualquer outro tipo de trabalho. Melhor dizendo, o “não” que respondem às atividades domésticas, consideradas femininas, não parece liberá-las para os infinitos “sins” que poderiam responder em outras áreas. Penso que este exemplo ilustra o fato de que a questão pode não estar somente no exercício das atividades domésticas em si. Fosse assim, fugir a elas, simplesmente, poderia ser um caminho, o que, no entanto, não é. Claro que se pode trilhar por respostas no campo da histeria, da impossibilidade de desenvolvimento, dos recalques infantis etc. Mas gostaria de tentar uma objetivação mais específica, neste caso, pois acredito que será também mais uma tarefa feminina poder deixar de discriminar a si própria, em resposta ao logro histórico a que esteve presa por tanto tempo.

Se, “capacidade de amar e de trabalhar” pode ser, reconhecidamente, o caminho para algum tipo de equilíbrio possível e amadurecido, tentemos pensá-lo não como metas distintas, mas como modos interligados que, por sua vez então, resultarão em algo supostamente ideal para a vida adulta.

Há muito tempo já se sabe que não é necessário que se renuncie às pulsões sexuais para que esteja liberado o canal sublimatório. Caso isto ocorra, não haverá comprometimento apenas da capacidade sublimatória, mas do funcionamento geral do indivíduo em outros níveis, pois aí as neuroses encontrarão terreno fértil. Portanto, poderemos pensar trabalho e amor dentro do mesmo plano, sujeitos ao mesmo requisito – o da transferência.

Tomarei, aqui, a idéia de transferência, que, embora tenha o seu lugar privilegiado no contexto psicanalítico, está presente em qualquer relacionamento. A transferência é um vínculo de amor. E é exatamente por ter essa condição de “vínculo”, é que não é suficiente que uma pessoa ame outra. Mais que isso, ela deseja ser amada por esta outra. E deverá, para ser amada, para receber esse amor, apresentar-se como alguém amável, ou seja, deverá fazer tudo para conseguir isso. É preciso o desejo de um encontrar-se com o desejo do outro. Trata-se, contudo, de um desejo que não objetiva apenas a satisfação imediata. Pretende ir além disso, pretende atingir o ser. E, nesse sentido, é simbólico. No dizer de Lacan (1986, p. 314), o amor transferencial é uma tentativa de capturar o outro em si mesmo. Como se pode ver, não é difícil compreender a transferência associada ao contexto relacional, onde as manifestações afetivas transitam por natureza.

Associando essa idéia também à noção de trabalho, podemos encontrar equivalência. Assim, é preciso amar no outro também aquilo que ele faz. Há que se atribuir significado àquilo que demanda da capacidade de trabalho do outro. Há que se reconhecer o outro de forma mais inteira, mais completa, como sendo ele um ser integrado em si mesmo. Se, para que a minha capacidade de amar seja acionada, eu preciso do assentimento do outro, também é assim para o desenvolvimento da minha capacidade de tra-

balho. Por conseguinte, a mesma barreira que se interpõe no caminho da satisfação aos trabalhos realizados no espaço doméstico poderá interpor-se no caminho da realização sexual, a mais básica. Se a mulher sofre em seu mundo chamado lar, ela sofrerá pelas duas coisas. Não sublimará, assim como também não se sexualizará.

Costuma-se dizer, atualmente, que os homens têm estado perturbados, confusos até, diante da experiência novíssima de conviver com uma mulher que se quer igual a ele. Não seria o caso de se pensar em quão mais confusa e perturbada andar a mulher, ela própria, às voltas com tantos novos lugares? Como se a nova mulher tivesse que se contrapor à antiga mulher. Vejo aí uma luta mais dura do que aquela que ela empreende contra o chamado masculino. Como diz Boons (1992, p. 21), os homens são os suportes externos de um contexto social, mas o inimigo habita o íntimo da própria mulher. Qualquer mudança terá que passar pela revisão de sua própria identidade.

Não faz muito tempo, presenciei, por acaso, uma cena triste – uma jovem mãe que, presenteando a filha de quatro anos com uma vassoura de tamanho e modelo adequados à tanta infância, sentenciava: “Este é o seu destino, minha filha”. Fiquei pensando no alcance dessa trajetória histórica, inicialmente, imputada aos homens, que precisará ainda ser objeto de luta para esta futura mulher do século XXI.

Obviamente, os movimentos femininos e feministas continuarão fazendo muito por nossa condição. E quem sabe, a psicanálise também será mais abrangente, de modo a aplacar um pouco o ódio latente entre mães e filhas, também tão ligado à formação da (id)entidade feminina, e parceiro inseparável dos homens no jugo que desempenham. E aí amar, seja o homem, seja o que ele faz, fica muito difícil. Como transformar em algo gratificante aquilo

que lhe tem sido imposto, há milhares de anos – como o seu “Suplício de Tântalo” pessoal – e que muitas vezes, para muitas mulheres, não se trata de colocar de lado e começar de outro ponto. Nosso país e, por extensão, nosso mundo, é composto por bem mais mulheres (e homens, inclusive) cujas opções não incluem as artes e as ciências. Isto, dado a fatores contingenciais, somente possíveis à sociologia e à história abordar.

Contudo, é possível que dentro do universo particular de cada indivíduo haja espaço para pequenos gostos que, se dentro do jogo transferencial puderem ser reconhecidos, talvez consigam sair do encarceramento imposto pelo outro (doméstico) e o outro (social).

É possível que estejamos falando de coisas diferentes, quando falamos a respeito de sublimação e queremos dizer que ela vem acompanhada da realização. Ora, a sublimação, não devemos nos esquecer, não é mais que um mecanismo de defesa. Sua distinção e supremacia sobre os demais está na expressão “socialmente aceito”, que traz em sua definição. Portanto, a questão colocada desta forma é externa. Podemos falar de uma via que é socialmente aceita e valorizada (como as artes e as ciências), mas não podemos dizer o mesmo a respeito das tarefas ditas cotidianas do universo feminino, porque estas não são, em nossa cultura, socialmente valorizadas. Assim como, de resto, não são, na sociedade atual, valorizados outros tipos de trabalho, uma vez que não apresentem bons resultados financeiros ou que não garantam *status*. O que ocorre com o trabalho dito feminino é que ele está sob a ação de mais de um processo discriminatório.

Quanto às angústias, estas não me parecem solucionáveis, seja pelo artista, seja pela mulher doméstica, porque isto talvez não se encontre à altura de qualquer mecanismo de defesa, ainda que falemos do mais evoluído deles.

Desse modo, a discussão poderia ser outra e não a que insiste em contrapor as tarefas cotidianas àquelas consideradas nobres, porque há uma cultura que as enobrece. E, uma vez que a eliminação da angústia não é função da sublimação, quem sabe poderíamos abrir caminho para uma discussão que abarcasse uma infinidade de mulheres em suas pouco valorizadas (socialmente falando) tarefas, mas que delas pudessem tirar para si mesmas algo de prazeroso, em lugar de se condenarem a um eterno, repetitivo e monocórdico suplício.

A problemática parece estar na (im)possibilidade de se optar ou não pelas tarefas em si. Se se puder dizer que sim ou que não ao que quer que seja, independentemente de seu resultado, isso poderá ter o sabor de uma singular, e muito particular, conquista. Se não se puder, nada poderá ser bom, inclusive arte e ciência. E, neste empreendimento, que recai sobre a questão transferencial, abordada anteriormente, mulher e homem precisam estar incluídos.

Quem sabe se mudássemos o vértice da discussão, não poderíamos ir mais longe, e assim falar de questões que abrangem milhões de mulheres (e homens) e não alguns poucos privilegiados.

A capacidade de sublimação estará ligada a limites próprios de cada um, podendo qualquer ato ser inovador ou mecânico. Obviamente, não podemos confundir aquilo que é do campo da criação genial (como a atividade dos poetas etc., pelo alcance de suas implicações). Fritar um ovo ou escrever um ensaio poderá conter um significado específico, dependendo das disposições internas de quem o executa.

Referências

- Boons, M. C. (1992). *Mulheres-homens: ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Checchinato, D. (1992). A sublimação da mulher. Palestra apresentada no II Encontro de Psicologia do CAISM/Unicamp. Campinas/SP.
- Freud, S. (1930). "O mal-estar na civilização". In: *Obras Psicológicas Completas de Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- Freud, S. (1932). "Novas conferências introdutórias sobre psicanálise". In: *Obras Psicológicas Completas de Freud*, Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- Kehl, M.R. (1987). A psicanálise e o domínio das paixões. In: *Os sentidos da Paixão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- Lacan, J.(1986). *Os escritos técnicos de Freud*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1983). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marcuse, H. (S.d). *Eros e civilização*. 8ª ed. Guanabara.